

A GESTÃO DO ESPAÇO PROTEGIDO DA PECUÁRIA FAMILIAR NA REGIÃO CENTRO-SUL DO RIO GRANDE DO SUL¹

Marcelo Porto Nicola², Flávia Charão Marques³

Resumo: O trabalho objetivou identificar, descrever e analisar as iniciativas de gestão do espaço protegido da pecuária familiar na região Centro Sul rio-grandense, fazendo uso da ferramenta Gestão Estratégica de Nicho, tendo como critérios: o alinhamento de estratégias e expectativas dos atores envolvidos; os fluxos de aprendizagem e informação; e a formação e a manutenção das redes de atores e cadeias de comercialização. A metodologia empregou análise documental, observação participante; entrevistas semiestruturadas com informantes-chave e triangulação. Ficou evidenciado que a realidade local apresenta coerência de gestão relativa no conjunto de seus recursos, transações, atividades, conexões e cadeias, mas também existem discontinuidades e heterogeneidades importantes.

Palavras-chave: Gestão. Espaço protegido. Pecuária familiar. Desenvolvimento rural.

NICHE MANAGEMENT OF FAMILY LIVESTOCK IN CENTRE SOUTH REGION OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: This paper aim to identify, describe and analyze niche management initiatives of family livestock in Centre South region of Rio Grande do Sul by using Niche Strategic Management, and considering follow criteria: alignment of actors' strategies and expectations; learning and information flows; and creation and maintenance of actors' network and market chains. The applied methodology was documentary analysis, participant observation; semi-structured interviews to key informants; and triangulation. It was evidenced that local reality presents relative coherence of management to its ensemble of resources, transactions, activities, connections and chains, but there is also important discontinuities and heterogeneities.

Keywords: Management. Protected space. Family livestock. Rural development.

1 Este artigo é proveniente de parte dos resultados da tese de doutoramento do primeiro autor, defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/Faculdade de Economia/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Doutor em Desenvolvimento Rural pelo PGDR/FCE/UFRGS. Gerente Técnico da Estação Experimental Agronômica-EEA/FAGRO/UFRGS. E-mail: mrprnicola@gmail.com.

3 Professora da Faculdade de Agronomia FAGRO/UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural PGDR/UFRGS. E-mail: flavia.marques@ufrgs.br.

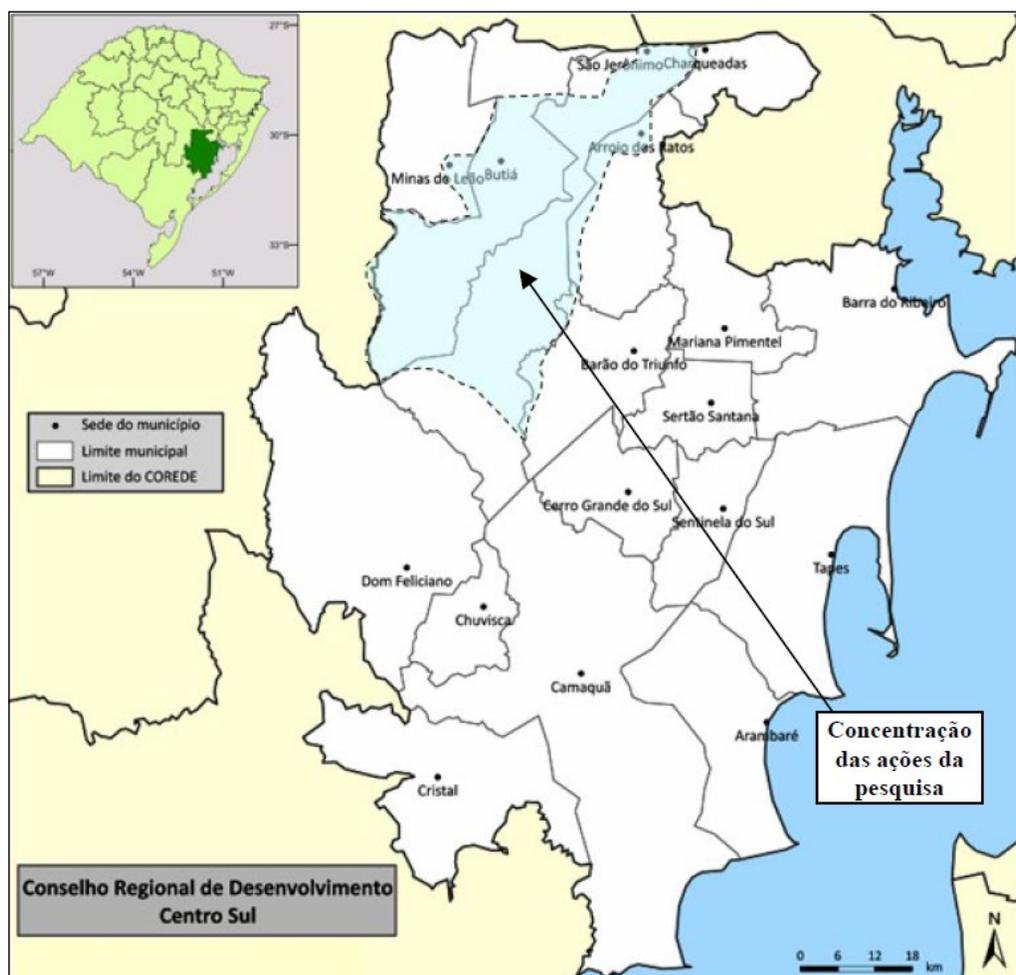
1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento rural pode ser entendido como um processo multinível e multifacetado que emerge como uma série de respostas ao paradigma da modernização. Quando centrado na agricultura familiar (AF) camponesa, contempla os seguintes aspectos, tomados isoladamente ou interligados: criação de novos produtos e serviços; criação de novos mercados; formas de redução de custos; aumento do valor dos produtos; e pluriatividade. Assim, apesar de ser um processo reconhecidamente autodirigido e autônomo, pode ser crescentemente facilitado e fortalecido por políticas públicas nos âmbitos local, regional, nacional e internacional (PLOEG, 2000) sem, contudo, negligenciar que são as redes e os arranjos localizados de atores e instituições que carregam o potencial transformador.

Nesse sentido, Ploeg et al. (2004) e Ploeg e Marsden (2008) argumentam que um espaço protegido é configurado por um conjunto de atores sociais (entidades, organizações, empresas, poder público e agricultores), atividades, recursos, instituições, níveis e redes que, deliberadamente, se direcionam para priorizar segmentos específicos da sociedade, a fim de que estes tenham chances de enfrentar autonomamente o interesse seletivo do capital e do mercado e os preconceitos do conhecimento científico hegemônico. No caso estudado, os pecuaristas familiares e suas organizações, as prefeituras municipais, os escritórios da Emater⁴, poder público estadual e federal, além de atores sociais privados, locais e fluxos de recursos diversos (*e.g.* financeiros, materiais, conhecimento, informações) constituem a rede que direciona seus esforços e haveres ao segmento social dos pecuaristas familiares, sendo assim abordado analiticamente como o espaço protegido da pecuária familiar na região Centro-Sul (FIGURA 1), a qual abrange um contingente estimado superior a 600 famílias. Nessa região esse número ultrapassa 1.200 famílias.

4 Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Figura 1 - O espaço protegido da pecuária familiar em relação à região Centro Sul-RS



Fonte: Nicola (2015).

É necessário esclarecer que, de acordo com o Decreto nº 48.316 do Executivo Estadual, são considerados pecuaristas familiares os produtores que atendam simultaneamente às seguintes condições: tenham como atividade predominante a cria ou a recria de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos e/ou ovinos com a finalidade de corte; utilizem na produção trabalho predominantemente familiar, podendo utilizar mão de obra contratada em até 120 dias ao ano; detenham a posse, a qualquer título, de estabelecimento rural com área total inferior a 300 hectares; tenham residência no próprio estabelecimento ou em local próximo a ele; e obtenham no mínimo 70% cento da sua renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento, excluídos os benefícios sociais e os proventos previdenciários decorrentes de atividades rurais (RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Com base em Borba et al. (2009) pode-se inferir que a pecuária familiar, na região da pesquisa, também apresenta feições de agricultura camponesa porque expressa as

seguintes características: baixo grau de mercantilização; processos produtivos assentados preponderantemente em recursos naturais; forma de produção “adaptativa” (e.g. coprodução); resultado de coevolução socioecológica; produtora de externalidades positivas (e.g. na paisagem, na flora); e impactos reversíveis sobre o ambiente. Os pecuaristas familiares, com base nos dados de campo, configuram sistemas de produção⁵ potencialmente muito mais favoráveis à conservação e ao uso sustentável das áreas campestres sulinas do que aqueles protagonizados pela agricultura capitalista.

Transformações sociais protagonizadas por agricultores camponeses constituem-se em expressões de desenvolvimento rural e, nesse sentido, podem ser encaradas como processos de resistência e transicionais, na medida em que esses agricultores foram, por longo tempo, marginalizados e privados dos recursos no bojo da modernização prevalente. No entanto, em algumas experiências relativamente recentes, eles têm se posicionado na condição de atores centrais de políticas públicas locais, regionais e nacionais (e.g. Pronaf, PECFAM, Programas Municipais⁶). Isso tem levado, entre outras coisas, à geração de novidades e à reflexão e adoção crítica de tecnologias adaptadas a contextos específicos e às idiossincrasias dos pecuaristas familiares.

Entendendo que tais experiências constituem uma espécie de contra movimento ao *mainstream* representado pela modernização homogeneizadora e convencional da agricultura, a opção analítica adotada foi a Perspectiva Multinível (PMN) – *Multi Level Perspective* – em associação com a ferramenta de gestão de espaços protegidos denominada Gestão Estratégica de Nicho (GEN) – *Niche Estrategic Management* (MOORS et al., 2004; GEELS, 2004, OOSTINDIE; BROEKHUIZEN, 2008)⁷.

Foi identificado que o emprego dessas abordagens seria potencialmente promissor para a compreensão dos processos de transformação social que estão inseridos em contextos mais amplos, os quais influem, condicionam e pressionam os atores locais, mas também são modificados pela atuação deles por meio do exercício de agência. Dessa relação surge a ampla heterogeneidade de realidades locais altamente contextualizadas e singulares, mesmo sob um macroambiente aparentemente homogêneo. O emprego dessas perspectivas pressupõe a interação entre os contextos determinantes mais amplos e as iniciativas dos atores em nível micro, como um processo em mútua transformação.

Baseado nas recomendações da PMN e da GEN (detalhadas na próxima seção) este artigo objetiva: identificar, descrever e analisar as iniciativas de gestão do espaço protegido da pecuária familiar, considerando o alinhamento de estratégias e expectativas dos atores envolvidos; os fluxos de aprendizagem e informação; e a formação e a manutenção das redes de atores e cadeias de comercialização (QUADRO 1).

5 Para detalhes sobre a pecuária de corte no RS e seus sistemas de produção consultar Miguel (2007).

6 Pronaf-Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar; PECFAM-Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar.

7 Para mais detalhes sobre as abordagens PMN e GEN consultar Moors et al. (2004); Geels (2004); Ventura e Milone (2004); Ploeg et al. (2004); Roep e Wiskerke (2004); Oostindie e Broekhuizen (2008); Charão-Marques (2009); Nicola (2015).

Para compreensão do que se denomina de gestão do espaço protegido, foram identificados os atores envolvidos, os programas, as trajetórias e as práticas ali desenvolvidas. Tais informações permitiram a identificação de três eixos proeminentes de ação (infraestrutura e qualidade de vida; melhoria genética dos animais e do manejo do campo e dos rebanhos; agregação de valor e governabilidade dos mercados).

Quadro 1 – Dimensões analíticas da gestão do espaço protegido da pecuária familiar na região Centro-Sul-RS

1- Fluxos de informação, de aprendizagem e de conhecimento	1.a- Como as pessoas aprendem sobre pecuária e assuntos relacionados?
2- Expectativas e estratégias dos atores sociais em:	2.a- Infraestrutura e qualidade de vida.
	2.b- Melhoria genética dos animais e do manejo do campo e rebanhos.
	2.c- Agregação de valor e governabilidade dos mercados.
3- Criação e manutenção de redes de atores e cadeias de comercialização.	

Fonte: elaborado pelos autores (2016).

2 A PERSPECTIVA MULTINÍVEL E A GESTÃO ESTRATÉGICA DE NICHOS

Conforme Geels (2004), a perspectiva multinível foi proposta para compreender as complexas dinâmicas de mudança sociotécnica, especialmente ressaltando que as evoluções técnicas não podem ser entendidas separadas das transformações sociais que as acompanham ou provocam. A abordagem propõe, então, três níveis heurísticos, paisagem sociotécnica, regime sociotécnico e nicho de inovação, cujo grau de institucionalização aumenta do micro (nicho) para o macro (paisagem). Dessa forma, é fundamental para esta perspectiva entender o ‘nicho’ como um ‘espaço protegido’, ou seja, o nível mais propício ao surgimento das inovações ou transformações mais ‘radicais’ (CHARÃO-MARQUES, 2011).

As trajetórias tecnológicas estão imersas em uma paisagem sociotécnica, balizada por tendências estruturais que, em geral, determinam “mudança lentas”, em valores normativos e culturais, coalizões políticas amplas, desenvolvimentos econômicos de longo prazo, problemas ambientais cumulativos, processos demográficos e migratórios. A paisagem pode ser entendida como um contexto institucionalizado externo aos demais níveis.

O regime sociotécnico, tal como proposto por Geels (2004), é um grupo semicoerente de regras, conduzidas por diferentes grupos sociais, que estruturam sistemas sociotécnicos, ou, ainda, a noção que serve para representar a gramática que interliga distintos regimes, permitindo uma metacoordenação entre eles. Por fornecer orientação e coordenação para as atividades de grupos relevantes de atores, os regimes sociotécnicos explicam e são responsáveis pela estabilidade de sistemas sociotécnicos. Um regime sociotécnico, ao se tornar dominante, promove a estabilização de tecnologias existentes nos mais amplos sistemas, nas rotinas e práticas de produção, nos padrões de consumo, nos sistemas de crenças e nos valores culturais (MOORS et al., 2004). As ‘regras’ que compõem o regime, ao estabilizarem determinadas tecnologias em detrimento de outras, permitem geralmente apenas inovações incrementais. Por outro lado, o nível de nicho é composto por regras

'locais', pactuadas entre os atores diretamente envolvidos e comprometidos com dinâmicas de mudança. É assim que inovações mais radicais são esperadas neste nível de ação sociotécnica.

Inspirados nesta ideia de nicho de inovação, vários autores propõem a noção de 'espaço protegido' para explicar o contexto em que surgem e evoluem dinâmicas sociotécnicas locais e sustentáveis, em geral, referindo-se a processos distintos de desenvolvimento rural, protagonizados por segmentos sociais vulneráveis (PLOEG et al., 2004; STUIVER et al., 2004; VENTURA; MILONE, 2004; MARSDEN; PLOEG, 2011; PAZ; DIOS, 2011). Tais dinâmicas são, muitas vezes, inovações potenciais que, por serem contextualizadas localmente, podem ser chamadas de 'novidades' (OOSTINDIE; BROEKHUIZEN, 2008). Porém, as novidades necessitam de novo cenário normativo e político local, de modo que consigam se desenvolver completamente. Na ausência de proteção apropriada, muitas das novas atividades agrícolas e não agrícolas serão sufocadas devido à presença de barreiras normativas associadas com o regime dominante (VENTURA; MILONE, 2004).

Moors et al. (2004), com a intenção de melhorar o desenvolvimento e a difusão de novidades promissoras, propõem a construção de trajetórias sociotécnicas desejáveis por meio da GEN. Para Moors et al. (2004), a GEN é definida como uma ferramenta para gerenciar, simultaneamente, a mudança institucional e técnica, e "suavizar" o processo de difusão de novidades promissoras. A perspectiva multinível associada com abordagem gestão estratégica de nicho possibilita, com base em Wiskerke (2003) e Roep e Wiskerke (2004), o uso de três critérios principais para a avaliação de experiências sociotécnicas alternativas aos regimes dominantes, quais sejam: o desenvolvimento e alinhamento de estratégias e expectativas; os processos de aprendizagem no interior do espaço protegido; e a criação e estabilização de uma rede social.

Moors et al. (2004) declaram que o sucesso no início de um espaço protegido depende da qualidade da aprendizagem e do enraizamento institucional. Para esses autores, transições envolvem a emergência e o desenvolvimento de novas tecnologias, bem como a difusão para os domínios do usuário e enraizamento social. Desse modo, durante o processo de transição, dinâmicas de adaptação e de aprendizagem de novas tecnologias podem tomar lugar, assim influenciando o processo de transição mais geral.

3 AÇÕES DE GESTÃO NO ESPAÇO PROTEGIDO – DISCUTINDO OS RESULTADOS

Ações de gestão são identificadas pelo estabelecimento de estímulos, isenções e adaptações que favoreçam as novidades embrionárias em um dado espaço protegido (OOSTINDIE; BROEKHUIZEN, 2008). Tais ações, com base nos levantamentos de campo, são observadas nos processos de negociação entre os atores que compõem o espaço protegido para pecuária familiar na região Centro-Sul, o que parece estar favorecendo algumas novidades emergentes.

Assim, partindo das estratégias de gestão para os 'nichos', percebe-se que os múltiplos atores, em instâncias diversas, estão gerenciando o espaço protegido a partir de três eixos

da rede rural⁸ da pecuária familiar, como mencionado anteriormente: a infraestrutura e qualidade de vida; a melhoria genética dos animais, do manejo dos campos e dos rebanhos; e a agregação de valor e governabilidade dos mercados. Seguindo a investigação a campo, se aceita que esses eixos representam os três grandes alinhamentos de estratégias e expectativas na gestão do desenvolvimento rural (DR). Sendo assim, os resultados empíricos serão discutidos ao longo desta seção à luz dos balizamentos teóricos adotados, considerados especialmente os processos associados à aprendizagem e aos alinhamentos de atores ligados aos desdobramentos das ações em rede.

3.1 Fluxos de informação, de aprendizagem e de conhecimento

O documento do programa Fortalecimento da Pecuária Familiar/Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR) faz menção, em seu item ‘linhas de ação’ à intenção de valorizar o saber popular e científico, onde as pesquisas e práticas consagradas pelos pecuaristas familiares serão consideradas e somadas ao conhecimento construído no meio acadêmico (RIO GRANDE DO SUL, 2012a). Portanto, ao menos no âmbito normativo do programa, os técnicos envolvidos devem animar a construção conjunta e troca de diferentes tipos de conhecimento. Entretanto, o manual operativo da SDR (RIO GRANDE DO SUL, 2013), que versa exclusivamente sobre o financiamento e a implantação de Unidades de Experimentação Participativa da Pecuária Familiar (UEPs), pouco propõe, recomenda e/ou valoriza os conhecimentos locais e científicos, ainda que esta seja uma das linhas de ação do programa Fortalecimento da PF. Também é notável que fracamente indique possíveis caminhos para a edificação de conhecimento híbrido ou a troca de saberes a partir das unidades, deixando em aberto, assim, a real importância imputada à participação interativa de pecuaristas e técnicos nas ações do programa.

A partir das entrevistas, fica evidenciado que os programas coordenados pela SDR são permeáveis e se adaptam ao contexto específico de cada caso (*e.g.* na instalação das UEPs), mas esse fluxo fica fortemente afunilado pelo posicionamento dos técnicos locais. À primeira vista, partindo da visão de um agente regional, parece que os procedimentos de definição e instalação das UEPs pouco consideraram os conhecimentos e habilidades dos pecuaristas selecionados. Outro agente regional expressa que o modo de atuação na promoção do desenvolvimento mudou de uma ‘extensão rural difusionista’ para uma postura de construção do conhecimento e saberes em conjunto com os agricultores, o que acaba ocasionando relações mais sólidas com técnicos de campo e com os agricultores. Diante dos posicionamentos dos agentes regionais, fica a impressão de que o reconhecimento da sabedoria local se processa em graus variados na prática dos atores extralocais, tendendo ao subaproveitamento desse potencial cognitivo.

8 É o ‘relativamente’ coerente conjunto de recursos rurais, atores, atividades, conexões, transações, cadeias estreitamente entrelaçadas, caracterizadoras e determinantes da atividade rural em um local específico que resultam de, e, por sua vez, apoiam e fortalecem o processo de desenvolvimento rural (MARSDEN; PLOEG, 2008; PLOEG, 2011). Partindo dessas argumentações pode-se concluir que as redes em desdobramento (*unfolding webs*) e o desenvolvimento rural propriamente dito são processos análogos, quase sinônimos, e assim são tratados neste artigo.

Cabe ressaltar ainda que as relações entre técnicos e agricultores se estabelecem frequentemente em graus bastante variados de aproximação e intensidade. Isso pode ser observado nas diferentes formas de interação e de eficiência em encontros informais na sede do município, nos contatos de trabalho acompanhados, nas reuniões mensais dos conselhos, nas reuniões das associações comunitárias, nas propriedades rurais, nas atividades relacionadas à organização de eventos e mesmo via mídia.

Os caminhos trilhados pelos agentes locais de desenvolvimento tanto apresentam uma inserção intensa e autônoma na rotina das relações sociais no processo de desenvolvimento como ocorrem mais normativa e distanciadamente. Por outro lado, cabe enfatizar que nem todos os agricultores expressam e demandam uma inserção técnica e social de forma frequente e intensa por parte dos agentes. A heterogeneidade de situações e de avaliações a respeito das relações encontradas a campo caracteriza um contexto pautado pela diversidade, inclusive no que tange à tomada de decisão sobre questões locais ou à transmissão, quando for o caso, para outras instâncias institucionais e para a coordenação dos programas.

3.1.1 Como as pessoas aprendem sobre pecuária e assuntos relacionados?

De modo geral, tanto os agentes quanto os pecuaristas admitem que os principais fluxos de informação e aprendizagem se estabelecem entre os próprios criadores, sem, contudo, deixarem de considerar a existência de fluxos entre agentes e produtores. De acordo com as evidências do campo, admite-se que existem fluxos de informação, aprendizagem e conhecimento ocorrendo no contexto local, e os indícios parecem comprovar a presença de um conhecimento contextual, uma mescla de saberes, tradicional e científico, que flui na interação entre os atores.

Empiricamente pode-se observar que os fluxos de aprendizagem ocorrem na medida em que os agricultores recorrem aos vizinhos e agricultores da comunidade para se atualizarem sobre pecuária e assuntos afins, por meio de diálogos que podem ocorrer em nível da unidade de produção, na estrada, nas festas de aniversário, nos casamentos, em funerais, nas missas, nas reuniões da associação comunitária, nos eventos comunitários (*e.g.* feiras de comercialização) e nos rodeios. Além das ‘conversas’, também a observação tem papel importante. Nesse sentido, os remates e feiras e a observação ‘por cima da cerca’ se destacam. Um pecuarista que participa de eventos de comercialização, ao perceber que um determinado lote de animais em pista apresenta características fenotípicas superiores aos dele, e que, em função disso, recebeu lances mais valorizados, ou foi melhor avaliado pela comissão julgadora, pode ver esse fato como gatilho para aperfeiçoamentos em sua criação. A competição e a exposição coletiva proporcionadas nesses momentos podem, potencialmente, estimular fluxos de informação e aprendizagem pelo estímulo da observação.

Um criador que, por motivos diversos, ainda não participa de programas de financiamento de reprodutores bovinos e ovinos, ou programas de inseminação artificial, ao observar os produtos (*i.e.* terneiros e cordeiros) de um vizinho que participa e constatar, em função disso, que os animais são melhores, mais pesados e melhor conformados do que os dele, pode sentir-se estimulado a uma mudança de comportamento quanto ao melhoramento genético dos animais.

Com relação à contribuição das UEPs nos fluxos locais de aprendizagem, avalia-se um potencial ainda subaproveitado. O espaço protegido da pecuária familiar investigado na pesquisa conta com três unidades. Uma delas é coletiva, concebida com o propósito de proporcionar aos produtores da associação comunitária Rincão dos Corrêas melhores condições de manejo dos rebanhos bovinos. As outras duas são individuais. A UEP instalada na localidade de Francisquinho enfatiza o manejo do campo nativo, bem como o manejo e melhoramento genético de ovinos, com a escolha de uma propriedade rural, significativa e propositalmente, encravada entre propriedades confrontantes que exploram maciçamente a silvicultura⁹. A outra UEP individual está instalada em uma unidade produtiva composta por duas frações de campo, uma localizada na Água Boa e outra no Rincão dos Corrêas. A ênfase está colocada no manejo do campo nativo e no melhoramento genético e manejo do rebanho bovino. A paisagem circundante também se encontra dominada pelos maciços de monocultivos florestais.

Primeiramente argumenta-se com base no que foi averiguado que tem havido dificuldades em estabelecer processos de ‘experimentação participativa’, como se esperaria pela própria denominação empregada em tais unidades. Sobretudo, não houve envolvimento ativo de grupos de pecuaristas em questões como: a escolha do local, o que investir, como manejar, e processos de experimentação e aprendizagem coletiva. Parece contribuir para o subaproveitamento das UEPs a ausência de envolvimento e investimentos mais significativos das instituições de pesquisa, ainda que tenha sido firmado um Termo de Cooperação entre SDR, Emater e Embrapa CPPSul¹⁰ (RIO GRANDE DO SUL, 2012b).

Também, cumpre registrar que o potencial das UEPs é desigual entre elas. Por exemplo, as unidades Francisquinho e Água Boa foram palcos de Dias de Campo sobre a temática geral da pecuária familiar, com grande afluxo de participantes da região e cobertura da mídia local e estadual, o que gerou boa repercussão. A unidade Rincão dos Corrêas, por sua vez, teve um evento de inauguração, no qual foi apresentado o trabalho em pecuária familiar na região para um grupo de técnicos uruguaios, tendo sido visitadas as instalações e os produtores próximos, porém com audiência mais restrita, composta principalmente por pecuaristas da localidade. No dia a dia, longe dos grandes eventos, a UEP Francisquinho é aquela que vem cumprindo melhor o papel de favorecer os ditos fluxos de informação e aprendizagem ao emanar conhecimentos ali gerados para o âmbito local e regional, por meio das visitas que acontecem com relativa frequência. Já a UEP Água Boa parece estar trazendo benefícios mais significativos para a família responsável pelo seu manejo, sem, contudo, expandir seu alcance para os arredores.

Para além da maximização do potencial das UEPs, abarcando fluxos mais amplos dirigidos à região, um agente local e um regional evidenciam a necessidade constante de adaptação das tecnologias para uso pelo segmento familiar da pecuária e, para tanto, o apoio

9 A escolha desta localização se refere à valorização do campo nativo rio-grandense e do papel do pecuarista familiar para a conservação e ao uso sustentável das áreas campestres sulinas, frente às ameaças de degradação protagonizadas pelo avanço da silvicultura (monocultura de eucalipto) e cultivo de grãos.

10 Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro de Pesquisa em Pecuária nos Campos Sul Brasileiros.

dos centros de pesquisa (*e.g.* Estação Experimental Agronômica-EEA/Ufrgs, Embrapa) é entendido como fundamental.

3.2 Expectativas e estratégias dos atores sociais

O que vem acontecendo nas últimas duas décadas no contexto da pecuária familiar local é majoritariamente percebido como positivo e com futuro promissor pelos informantes-chave. Isso não quer dizer que não existam dissensos sobre o rumo atual das práticas e trajetórias de DR, sobre as expectativas futuras e sobre as estratégias adotadas por diferentes atores sociais, em termos de convergência para o fortalecimento dessas práticas e trajetórias.

No espaço protegido, o alinhamento entre os atores, por vezes, se encontra fragmentado, não sendo possível desse modo tratar esse aspecto como uma realidade homogênea. Em determinada porção ou em determinadas comunidades, observa-se um bom alinhamento de foco entre os pecuaristas familiares, as associações comunitárias e demais atores locais. Quando identificado esse alinhamento local, observa-se, em consequência, um satisfatório alinhamento de atores regionais com a dinâmica local. Esse ambiente é caracterizado pela maior agregação, aproximação e comprometimento entre os atores.

Por outro lado, em determinadas situações e frações do espaço observa-se pior alinhamento de foco no trabalho com pecuária familiar, afastamento e pouco compromisso entre os atores. O foco sai do trabalho de promoção do DR, e se desloca, parcialmente, para demandas atomizadas e/ou para as disputas políticas. Nesse ambiente, os produtores precisam se valer muito mais de seus recursos próprios e mobilizações comunitárias para realizarem conquistas significativas, e eles têm sido protagonistas de acontecimentos bem-sucedidos quando as relações de confiança e reciprocidade estão reforçadas nas comunidades.

No ambiente melhor alinhado, apesar do foco dirigido à pecuária familiar não ser exclusivo, uma vez que existem contingências da rotina dos atores que desviam temporariamente suas atenções, ao olharem para o horizonte em perspectivas de médio e longo prazo, é a promoção deste segmento social que proeminentemente aparece como objetivo da rede social. Diferentemente, no ambiente pior alinhado, as estratégias e expectativas em relação à pecuária familiar estão menos focalizadas ao longo do tempo, apesar deste contingente social ser quantitativamente o mais significativo. Os desencontros e conflitos oriundos das disputas por poder político local nada acrescentam para o estabelecimento das coalizões. Nesse ambiente, os agricultores se mostraram mais críticos e mais desconfiados em relação às lideranças locais, assim como aos técnicos.

Essa necessária contextualização da heterogeneidade no espaço protegido da pecuária familiar, descrita nas linhas acima, joga luz sobre a realidade complexa de percepções, interações e interesses dos diferentes componentes da rede de atores. Apesar desse cenário naturalmente não homogêneo, o desdobramento rotineiro, desde a segunda metade dos anos 1990, de iniciativas, alianças, direcionamentos de recursos, reconfigurações e experimentações conduzidos pelos atores foram traçando e consolidando os principais alinhamentos de expectativas e estratégias na rede rural de desenvolvimento da pecuária familiar. Retomando os três eixos antes referidos, se verifica que eles são concretizados

porque representam anseios e necessidades convergentes dos pecuaristas familiares na rede rural, como passam a ser abordados em seguida.

3.2.1 Estratégias e expectativas em infraestrutura e qualidade de vida

Os temas reunidos nesse eixo são motivos bastante recorrentes de preocupação entre as famílias rurais, gerando reivindicações e mobilizações coletivas, por exemplo, via associações e conselhos municipais. Trata-se da referência às cobranças por estradas de qualidade no interior, bom funcionamento das escolas, telefonia, serviços de saúde, transporte, e até o requerimento de urnas em época de eleição.

Apesar de as ‘dores de cabeça’ nas temáticas deste eixo serem, em alguns casos, bem equacionadas, gerando a sensação, por parte dos pecuaristas familiares, de que a situação está melhor hoje em dia, como, por exemplo, no item educação e transporte escolar, elas, ainda assim, se mantêm envoltas em paradoxos. Em uma análise em retrospectiva, com base nos dados de campo, a situação da educação é preocupante, tendo em conta que, no ano de 1977, fração significativa da área da pesquisa, abarcando zonas rurais de quatro distritos, contava com 11 escolas onde estudavam mais de 250 alunos; e, hoje, essas regiões são atendidas por somente duas escolas, dirigidas para aproximadamente 100 alunos. Essa diminuição do número de escolas impôs o crescimento do serviço de transporte escolar para atender um raio, em alguns casos, superior a 40 km na distribuição das famílias e para trazer os professores quase sempre oriundos das sedes municipais.

A atenção à saúde reúne iniciativas que melhoram o acesso dos moradores rurais às políticas públicas da área, por meio da abertura de unidades médico-odontológicas em sedes de associações de comunidade, fornecimento gratuito ou subsidiado de medicamentos, e da reserva de fichas de atendimento para os beneficiários rurais em unidades de saúde localizadas nas cidades.

Diversos depoimentos, em comunidades distintas, dão conta de ressentimento com o fim da atuação da unidade móvel, que tinha uma atuação ampla no interior, precarizando, desse modo, o atendimento em saúde. É recorrente também a reclamação em relação à situação ruim do transporte público, que se correlaciona à atenção à saúde.

Por outro lado, a previdência social rural constitui-se em um dos mais importantes triunfos da AF nas últimas décadas, que, aliada a outras conquistas em infraestrutura, proporciona melhores condições de permanência para a população rural que decide ficar no campo.

3.2.2 Estratégias e expectativas em melhoria genética dos animais e do manejo do campo e rebanhos

Salienta-se, nesse contexto, que o alinhamento mais efetivo acontece no melhoramento genético de bovinos e ovinos, mas se observam também alinhamentos vigorosos entre os atores da rede quanto à importância da necessidade de melhoria no manejo geral dos rebanhos, e sobre o valor do campo nativo. Observaram-se também dissensos importantes quanto ao melhoramento genético dos bovinos, havendo, além das

discordâncias operacionais, certa polarização sobre qual o caminho mais viável a seguir, o uso de touros ou a inseminação artificial.

Nos programas iniciais de inseminação artificial de bovinos, nos anos 2000, em âmbito local, alguns alinhamentos de estratégias e expectativas dos pecuaristas e agentes parecem que, apesar de algumas conquistas significativas, foram caracterizados também por discordâncias (*e.g.* falhas diversas na operação dos protocolos de Inseminação Artificial em Tempo Fixo – IATF).

Anotam-se ainda fricções em programas regionais, quanto à ênfase colocada em determinadas estratégias, em detrimento de outras. A SDR coordena o programa de Conjuntos de IA, e a Secretaria de Agricultura (SEAPA), via Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), o programa Dissemina. Pois bem, os dois programas têm táticas operacionais similares e o mesmo foco de público (seleção via Declaração de Aptidão ao Pronaf – DAP), com o objetivo de melhorarem a qualidade da carne, lã e do leite, por meio de procedimentos de IA, mas, ao que tudo indica, os dados de campo, não existe qualquer tipo de articulação entre os dois. Saindo do âmbito regional em direção às instâncias locais, o contexto é mais animador, com a articulação e complementaridade dos programas acontecendo. Ocorre o repasse de doses de sêmem do Dissemina para grupos de pecuaristas que possuem Conjuntos de IA e inseminadores atuando na localidade. Nesse cenário diversificado, com discordâncias sobre a condução prática de alguns programas e sobre as estratégias a adotar, observa-se, contudo, o alinhamento sobre a importância dessa tarefa, a necessidade de continuidade do trabalho e os resultados alcançados em melhoria do padrão do rebanho.

No melhoramento genético de ovinos, o alinhamento de estratégias e expectativas é mais convergente do que nos bovinos. As conquistas mais significativas são alcançadas graças ao trabalho dos produtores apoiados pelos técnicos de campo; aos impactos do programa de repasse de carneiros, da feira assistida de ovinos, do concurso de cordeiros, dos financiamentos do Pronaf e do Programa Mais Ovinos. Todas essas práticas e trajetórias envolvem uma rede de atores numerosa e alinhada.

Nesse sentido, os financiamentos para aquisição de matrizes e reprodutores impactam diretamente na agregação de valor aos produtos da ovinocultura. Os concursos e feiras estimulam a competição e comparação em benefício da qualidade. O mercado que melhor valoriza a qualidade daqueles lotes de animais superiores geneticamente sinaliza aos pecuaristas que o investimento em seleção e melhoramento traz retornos benéficos. Isso tudo se conecta às ações de governabilidade dos mercados e de concretização do objetivo maior da Associação Regional dos Ovinocultores, ou seja, a venda varejista de carne de cordeiro embalada com marca coletiva. Nesse contexto, a qualidade do rebanho ovino é percebida como melhorada em relação ao passado, mas com necessidade de mais investimentos para uma constante evolução.

Apesar de muita convergência e coerência nas estratégias e expectativas no trabalho de melhoramento genético dos rebanhos ovinos, existem também alguns dissensos. Um pecuarista que participava anualmente do concurso de cordeiro hoje não se inscreve mais alegando que existe favorecimento de alguns concorrentes em detrimento de outros. Soma-se a isso uma discordância sobre a mudança nas regras do certame, que libera os concorrentes

da necessidade de transportar e exibir, presencialmente, os lotes concorrentes no parque de exposições municipal.

Outro exemplo refere-se a uma liderança local que iniciou tratativas para transferir a Feira Assistida de Ovinos da localidade rural Rincão dos Corrêas para o Parque de Exposições na sede do município de São Jerônimo. Essa proposta, contudo, até onde foi possível apurar, está cercada de muitas questões polêmicas e interesses conflitantes, denotando divergência de estratégias e expectativas entre os atores locais.

Quanto ao aperfeiçoamento mais geral das práticas de manejo dos rebanhos bovino e ovino percebe-se um desalinhamento entre a expectativa de alguns pecuaristas por um atendimento mais frequente em nível de unidade produtiva e a real capacidade operacional dos técnicos de campo. Existem ainda aqueles pecuaristas que se mostram satisfeitos com a assessoria esporádica e informativa dos técnicos sobre programas, políticas e aspectos tecnológicos, mas com baixa inserção na unidade produtiva. Apesar das alegadas deficiências de atendimento (rotineiro) nas propriedades, existe uma tendência de alinhamento no manejo do rebanho em função dos problemas enfrentados pelos animais. Nesse sentido os maiores esforços são exercidos no controle de carrapatos em bovinos e de verminoses em ovinos. Aparecem ainda como preocupações recorrentes dos pecuaristas os cuidados com verminoses, berne, bicheiras e mosca dos chifres em bovinos; e sarna, piolho e podridão dos cascos em ovinos.

As vacinas obrigatórias são realizadas e os cuidados com alimentação dos rebanhos recaem sobre a implantação de pastagens, a mineralização, aquisição de grãos ou plantio de lavouras de milho ou mandioca, e sobre o campo nativo. A tosquia dos ovinos e alambramento dos campos e outras construções rurais aparecem como alinhamentos importantes, pois se constituem em rotinas que preocupam em todas as propriedades visitadas. Na questão sanitária, enfatiza-se a distribuição gratuita da vacina antiaftosa, o subsídio à vacina da tuberculose e o trabalho de fiscalização, todos realizados por intermédio das inspetorias – IVZs com os pecuaristas familiares.

No manejo do campo nativo o alinhamento mais significativo se dá na valoração do recurso forrageiro. Todos os entrevistados avaliam positivamente o campo nativo, porque “produz no verão, uma beleza”; “é o melhor recurso”; “limpando, roçando, se mantém bom sempre”; “depende só do clima”; “ele é mais econômico”; “sem custo, além de produzir um alimento de maior qualidade, mais natural”; “é um recurso valioso”; “é uma prioridade ir cultivando e melhorando ele”. Não obstante a contundente valorização do campo nativo pelos pecuaristas, observou-se insuficiência (não ausência) de atividades mais sistemáticas voltadas à reciclagem/criação de conhecimento contextual nessa temática entre os atores do espaço protegido.

3.2.3 Estratégias e expectativas em agregação de valor e governabilidade dos mercados

O estímulo à reconversão dos rebanhos ovinos da aptidão lanígera para a aptidão ‘carne’, refletida no significativo aumento de peso dos cordeiros por ocasião da venda, bem como na qualidade da carcaça, apresentam-se como agregações de valor importantes. De forma semelhante, mas não tão acentuada como nos ovinos, o rebanho bovino da região

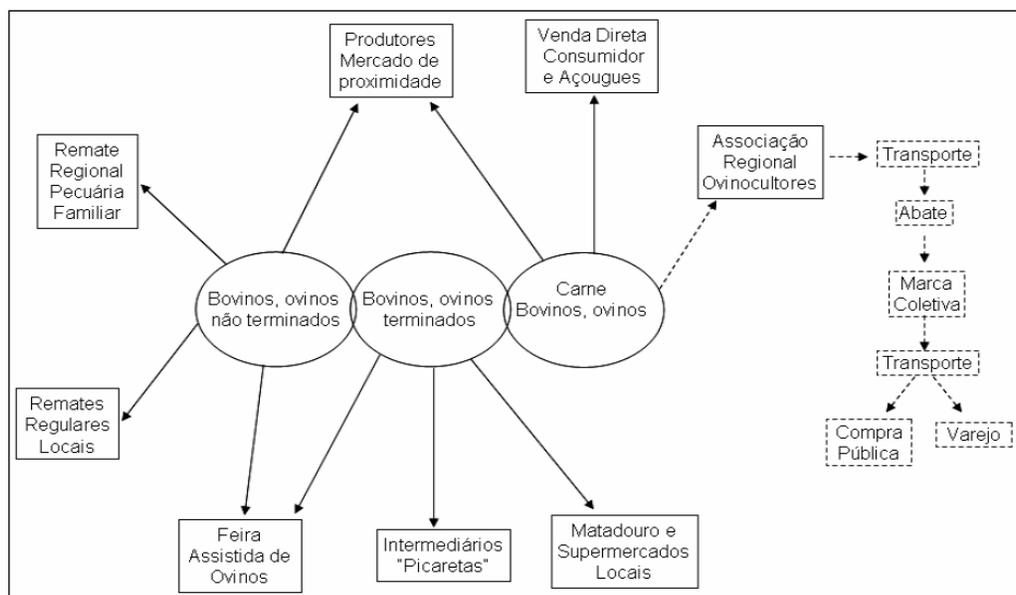
também experimentou um melhoramento e padronização como resultado dos programas de financiamento, de compra de touros e de inseminação artificial.

Apesar dos avanços no melhoramento genético dos bovinos, cabe apresentar um desalinhamento importante de expectativas e estratégias provocado por discontinuidades em políticas governamentais. Devido a diferenças marcantes na definição de prioridades e na compreensão do desenvolvimento rural entre os mandatários estaduais, que se revezam no poder por períodos de quatro anos, têm ocorrido rupturas e discontinuidades sentidas pelos pecuaristas familiares. A principal delas refere-se ao Financiamento de Reprodutores Bovinos, surgido e operacionalizado no início dos anos 2000 e depois esquecido por mais de 10 anos. Reapareceu na cena das políticas públicas para a pecuária familiar no início dos anos 2010, mas, ao que tudo indica, parece que o repasse de touros, tão bem avaliado pelos beneficiários, está saindo de cena novamente. O repasse de carneiros, por outro lado, tem sobrevivido, e se fortalecido, apesar das transições de poder político, a cada quadriênio, no âmbito municipal.

A despeito de algumas discontinuidades e desalinhamentos, as expectativas e estratégias dos atores sociais relacionadas ao melhoramento genético dos rebanhos são aquelas mais vigorosamente alinhadas. O outro alinhamento saliente se expressa no conjunto de iniciativas dirigidas à governabilidade dos mercados, relacionada ao fortalecimento ou à criação de novos canais de comercialização que são organizados para atender às especificidades dos pecuaristas familiares, disseminando, assim, benefícios para as áreas rurais, consumidores e sociedade em geral.

O alinhamento de estratégias e expectativas em governabilidade dos mercados foi analisado a partir das práticas individuais mais corriqueiras utilizadas pelos pecuaristas e a partir das experiências mais relevantes de criação de novos mercados. Portanto, serão analisadas sob dois pontos de vista: o individual e o coletivo (FIGURA 2).

Figura 2 - Modalidades de comercialização na pecuária familiar da região Centro Sul



Fonte: Nicola (2015).

Os pecuaristas familiares têm algumas maneiras principais de comercializar os produtos da criação. A maioria deles comercializa categorias ovinas e bovinas¹¹ para outros criadores, portanto um mercado de produtor para produtor. Nessa modalidade, a principal estratégia recai no mercado de proximidade, rico em confiança e reciprocidade, para vizinhos e produtores próximos que se conhecem de longa data.

A segunda forma mais corriqueira de venda, adaptada às categorias ovinas e bovinas não terminadas recai sobre modalidades que estão crescendo na região. As principais são: o Remate Regional da Pecuária Familiar e a Feira Assistida de Ovinos. Apesar de alguns pecuaristas ajuizarem que existem problemas de organização no Remate, o parecer da maioria entende que o remate é positivo e traz vantagens na comercialização para os pecuaristas familiares. Alguns criadores se utilizam também dos remates normais de animais (não específicos da pecuária familiar) que são programados mensalmente na região. Do mesmo modo, a Feira de Ovinos, embora não apareça como uma unanimidade na avaliação dos produtores e técnicos, vem se constituindo em um canal de comercialização importante, em especial para os moradores da localidade e adjacências. Por outro lado, tanto os ovinos quanto os bovinos podem também ser abatidos (sem inspeção) na propriedade e comercializados para os vizinhos e criadores na comunidade rural.

11 Tais como os cordeiros, as ovelhas, os terneiros (as), as novilhas e as vacas de descarte e de invernar.

Para bovinos terminados ainda aparece a figura do atravessador¹² como o canal mais importante de comercialização, apesar de perderem espaço ao longo dos últimos anos. Mantém-se o meio mais utilizado para venda de bovinos gordos por falta de alternativas em algumas regiões do espaço protegido, pois não é, nem de longe, a estratégia mais segura, tendo em vista os importantes problemas ocorridos.

Esse fato sinaliza um desalinhamento persistente e grave na governabilidade do mercado local e regional devido ao contexto de insegurança (calote) ao qual muitos pecuaristas familiares ainda permanecem expostos.

Como segundo canal de mercado para bovinos, e também ovinos terminados, aparece o Frigorífico e Supermercado Vendramini, depois o Supermercado Mineirão e, também, com menor frequência, supermercados e frigoríficos nos municípios de São Jerônimo, Capela de Santana, Estância Velha e Arroio dos Ratos.

A sistemática adotada para a venda, principalmente de bovinos gordos, mas também de ovinos, aos supermercados passa pela organização de um lote de animais de diferentes produtores, para que, desse modo, seja completada uma carga (*i.e.* 15 bovinos ou 40 ovinos adultos) que viabilize o deslocamento do caminhão boiadeiro até o interior, nas propriedades rurais. Esse expediente é organizado em conjunto pelos pecuaristas familiares e pelos frigoríficos, a fim de possibilitar o comércio de pequenos lotes.

Outra estratégia digna de nota, amplamente utilizada, vincula-se ao comércio de carne ovina por meio da venda direta produtor-consumidor, ou, também, mas com menor frequência, produtor-pequenos varejistas (açougues). Ambos expedientes acontecem, principalmente, no período das festas de fim de ano. Esse abate e comercialização de animais sem inspeção proporciona um valor adicionado considerável à criação ovina, mas em baixa escala.

A Associação Regional de Ovinocultores apresenta-se como uma promessa de profunda transformação na forma de comercialização de produtos ovinos, migrando de uma estratégia proeminentemente individual, e não inspecionada, no caso da carne, para uma estratégia em escala aumentada e de gestão coletiva da logística de produção, transporte, abate, processamento e venda final, inspecionados e legalizados. Com o advento da marca coletiva para a carne de cordeiro, o foco volta-se para o mercado regional e o abastecimento da merenda escolar ou outras formas de inserção em programas públicos de aquisição de alimentos, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

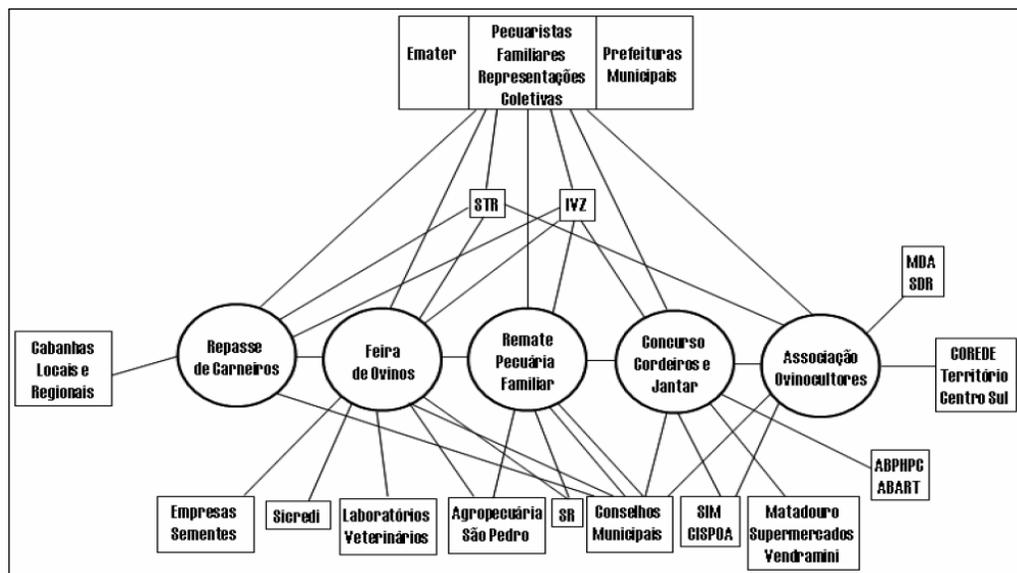
3.3 Criação e manutenção de redes de atores e cadeias de comercialização

Nesta seção considera-se a constelação de atores locais que se organiza e interage em eventos considerados emblemáticos relacionados ao programa de repasse de carneiros; à

12 São corretores comissionados que adquirem animais prontos para o abate, os quais serão, posteriormente, destinados aos grandes frigoríficos.

feira assistida de ovinos; ao remate da pecuária familiar; ao concurso de cordeiros e carcaças; e à associação regional de ovinocultores (FIGURA 3).

Figura 3 - Iniciativas emblemáticas relacionadas à rede de atores que se articula com a pecuária familiar



Fonte: Nicola (2015).

Muitas entidades, agentes e instituições se vinculam indiretamente¹³ configurando uma rede muito mais ampla, que, para manter-se, depende de envolvimento e dedicação, em um processo que não pode ser visto como espontâneo e natural.

Nessa sistemática, observou-se que um dos agentes mais dinâmicos tem sido a Emater. Apesar de esse ator social apresentar um caráter mais móvel, o que o habilita a desempenhar o destacado papel de articular atores sociais locais e extralocais, as Prefeituras Municipais e os pecuaristas familiares, principalmente organizados em associações comunitárias e outras representações coletivas são também essenciais nesse processo.

A articulação entre os atores da rede precisa ser alimentada diariamente. Conforme os levantamentos da pesquisa, esse trabalho é constituído por ações que vão desde um contato não programado na sede dos municípios, passando por visitas nas propriedades, reuniões nas associações e discussões nos conselhos, até encontros e seminários regionais propositalmente planejados para articular os atores e orientar as iniciativas.

13 Por exemplo, os agentes financeiros Banco do Brasil, principal operador do Pronaf, e o Banrisul, principal operador do Mais Ovinos, têm atuação indireta nas ações esquematizadas na Figura 4, ao disponibilizarem recursos financeiros para a pecuária familiar, mas não atuam diretamente na organização de nenhum dos cinco eventos. O Sicredi, por outro lado, também um agente financeiro, está diretamente vinculado na organização da Feira Assistida de Ovinos.

Assim, serão ilustrados os papéis de contatos não planejados na sede dos municípios; reuniões estratégicas com lideranças novas que estão chegando para colocá-las a par do trabalho com pecuária familiar; o trabalho para manter a feira de ovinos; o papel dos conselhos, tanto locais como regionais; do jantar do cordeiro, uva e vinho, e do encontro regional de pecuária familiar.

Uma passagem observada na rotina de trabalho que chamou a atenção foi a iniciativa da Emater de Butiá em propor uma reunião com o novo gerente da agência local do Banco do Brasil para apresentar-lhe o trabalho que é desenvolvido com pecuária familiar na região. Segundo informações do chefe do escritório, esse encontro aconteceu na Emater, e se traduz como exemplo de investimento na manutenção da rede de atores, na medida em que esse agente financeiro é o principal operador dos recursos destinados aos pecuaristas familiares.

Para manter a rede de atores envolvida com a feira de ovinos, o presidente da Associação Rincão dos Corrêas argumenta que existe uma relação de parceria entre a própria associação, a comunidade local, a Secretaria da Agricultura, a Emater. Outro integrante da direção da associação local dá uma ideia sobre o tipo de trabalho que é realizado para a manutenção da feira, enfatizando as conversas entre os organizadores que refletem os aspectos a melhorar, os pontos fortes e as propostas de melhoria para o evento.

Os conselhos se constituem em outros espaços de encontro que podem estar relacionados ao processo de manutenção das sinergias na rede. No âmbito regional, a despeito das reuniões esporádicas, o Corede e o Território Centro Sul foram importantes para a orquestração da iniciativa coletiva materializada na fundação e operação da Associação Regional de Ovinocultores e nos projetos de promoção da ovinocultura regional. Conforme argumenta Knickel et al. (2008), os arranjos institucionais no nível meso facilitam a convergência dos atores sociais, incentivando a experimentação de novos conceitos e troca de experiências no nível micro.

No escopo local, os CMDRs são, via de regra, percebidos como fóruns com boa representatividade da diversidade rural, propícios à articulação e nivelamento das visões sobre o campo, e apresentam-se aprimorados em relação ao passado. A articulação e a validação inicial, no conselho, de ideias e iniciativas a serem postas em prática não são garantia de que as informações vão fluir com facilidade até as comunidades mais longínquas. Isso depende também da atuação e do interesse dos presidentes e representantes comunitários em levar adiante o que foi acordado. Entretanto, isso não invalida o papel que eles têm desempenhado na manutenção e no revigoramento da rede de atores.

O Jantar do Cordeiro, Uva e Vinho, em função da dimensão que assumiu – hoje classificado como uma das principais festas da região e prestigiado por autoridades importantes, por pecuaristas familiares e pessoal da cidade –, tem se constituído, a cada edição, em um momento de reforço das coalizões locais e de reafirmação da autoestima e do valor do segmento social da pecuária familiar. Na edição observada no trabalho de campo, estavam reunidas cerca de 400 pessoas no ginásio municipal, em ambiente com muita interação agradável e boa comida à base de cordeiro. Na primeira parte do evento ocorreram alguns discursos que exaltaram o papel dos pecuaristas na sociedade local, e os vencedores do 9º Concurso do Cordeiro receberam suas premiações. Após o jantar, ocorreu um baile com música ao vivo, sendo um momento de conagração, de encontro e mesmo de lazer.

O Encontro Regional da Pecuária Familiar, realizado em 19 de março de 2015, na localidade Água Boa, balneário Ponte de Arame, foi observado no trabalho de campo da pesquisa e se constitui na maior expressão do esforço de manter e reforçar a articulação da rede de atores envolvidos com a pecuária familiar.

A pauta do encontro transcorreu ao longo do dia com as seguintes atividades: resgate dos trabalhos da Associação Regional dos Ovinocultores; resgate dos trabalhos em lã na região; trabalhos em grupos para o planejamento de ações em produção pecuária, artesanato e sucessão familiar; apresentação de um vídeo sobre a pecuária familiar da região; almoço coletivo – ‘um salchipão’; apresentação dos trabalhos dos grupos, e priorizações de atividades para o período 2015-2016; e encaminhamentos finais.

Entre os limites identificados nas ações para manutenção das redes de atores e das cadeias de comercialização percebe-se uma carência acentuada de capacitação dirigida aos conselheiros municipais em temas como desenvolvimento rural, diagnóstico da realidade local, relações interpessoais e capacitação de lideranças. Apesar de os conselhos desempenharem um valioso papel na articulação, seu potencial está subaproveitado pela quase ausência de investimento em capacitação, o que representa deficiências em aprendizagem coletiva, com reflexos na capacidade do espaço em defender e priorizar mais efetivamente as demandas dos pecuaristas familiares.

Outro limite pode ser identificado a partir dos comentários dos informantes-chave a respeito das dificuldades em articular os diferentes atores, sendo recorrente a afirmação sobre entraves nessa seara. “Como virou um projeto regional, agora da Centro-Sul toda, ah, não é muito fácil tu reunir tantos produtores” (ENTREVISTADO Nº 6).

Reafirmando a alteridade existente entre diferentes locais no espaço da pesquisa, identificam-se, com base nos dados de campo, dificuldades de comunicação entre comunidades rurais. Além disso, alguns agentes locais expressaram que é difícil articular as ações, na medida em que é necessário sempre estar insistindo, ‘empurrando’ os produtores.

Considerando a opinião de pecuaristas familiares, tomados no conjunto das comunidades onde eles vivem, é perceptível algum grau de desaprovação em relação à atuação de um Prefeito Municipal. As principais críticas recaem sobre a conservação das estradas; o atraso na compra do trator da comunidade (recursos já liberados por emenda parlamentar); e a falta de respostas efetivas do executivo municipal à demanda pela criação do Programa Municipal de Repasse de Carneiros. Esse mesmo líder local avalia que o Secretário Municipal da Agricultura e o Prefeito têm diferenças com a Emater, e, assim, o trabalho não flui.

Um agente de desenvolvimento local se refere aos limites políticos como um entrave no trabalho de manutenção das redes de atores e cadeias de comercialização. Ele exemplifica isso da seguinte maneira: “as mudanças de governo acarretam trocas de secretários, e pode acontecer de o novo dirigente não ser muito engajado nas questões ligadas à pecuária familiar, podendo provocar um retrocesso ou mesmo um recomeço” (ENTREVISTADO Nº 6).

Em outra região, um pecuarista familiar desabafa alegando que os técnicos “usam” os pecuaristas familiares para se promoverem e mostrarem seus resultados, mas efetivamente,

no dia a dia, não atendem os produtores como deveriam. Outro pecuarista familiar fez críticas aos técnicos da Emater, das prefeituras, aos inseminadores, bem como aos médicos que atendem a população na região.

Aparece como limite importante na manutenção da rede de atores, com base nos dados de campo, a ausência de uma coordenação geral e regional mais presente no dia a dia, impedindo o envolvimento ‘em tempo parcial’ de alguns atores sociais, em especial o quadro técnico. Sem a orquestração regional mais efetiva, acaba acontecendo que cada município, em função de contingências específicas, desenvolve um ritmo próprio de trabalho na pecuária familiar, em alguns casos com interrupções e descontinuidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego da abordagem Gestão Estratégica de Nicho se apresentou como promissor, na medida em que seus três principais critérios propostos de análise favoreceram o esclarecimento das iniciativas de gestão. Um passo metodológico decisivo para a utilização bem-sucedida da GEN foi a análise criteriosa dos textos resultantes do trabalho de campo quanto aos atores sociais, às ações, aos programas, e às políticas, que permitiram a identificação de três eixos basilares da rede rural de desenvolvimento da pecuária familiar.

Assim, ao abordar questões como o fluxo de informações e conhecimento; o alinhamento de estratégias e expectativas e os esforços para a manutenção da rede de atores e das cadeias de comercialização, foram esclarecidas também algumas características marcantes do processo de desenvolvimento rural. As diversas feições do trabalho em melhoramento genético dos rebanhos (bovino e ovino) e as iniciativas para garantir a governabilidade dos mercados, aqui retratadas, podem, então, ser consideradas expressivas na constituição da experiência de desenvolvimento da pecuária familiar.

O escrutínio das iniciativas e interações dos múltiplos atores sociais permitiu o esclarecimento referente às questões de gestão do espaço protegido, as quais, com base nas evidências, têm relação com as mudanças mais relevantes no processo de desenvolvimento rural. Um dos elementos presentes no repertório do desenvolvimento investigado se assenta na conexão entre os pecuaristas familiares da região Centro Sul por um componente sociocultural comum e especificidades no que se refere à utilização dos recursos locais. Existe também um alinhamento de expectativas compartilhadas sobre o desenvolvimento rural, sendo esse um elemento potencialmente útil para atribuir um valor original e simbólico ao lugar.

Considerando a governabilidade dos mercados levada adiante na experiência, com ênfase no conhecimento pessoal, nos lugares, nas marcas, e em relações de proximidade e confiança, nota-se que as unidades de pecuária familiar, em conjunto, estão tentando caminhar em direção a novas inserções aos mercados externos, no entanto alicerçadas em relações estabelecidas localmente por meio de compromissos, debate e delegação entre os atores.

Ao analisar a gestão do espaço neste artigo, ficou evidenciado que a realidade local apresenta uma coerência relativa no conjunto de seus recursos, transações, atividades, conexões e cadeias. As articulações entre atores, artefatos técnicos, processos organizacionais

e políticos têm funcionado como um espaço em que as chances de reprodução das unidades produtivas da pecuária familiar têm sido fortalecidas. Além disso, as evidências mostraram que o espaço protegido se caracteriza pela emergência de processos inovadores que têm se enraizado, paulatinamente, no âmbito regional, e têm proporcionado maior visibilidade aos pecuaristas familiares e ampliado suas capacidades para enfrentar mais autonomamente o interesse seletivo do capital e do mercado. Existem também discontinuidades e heterogeneidades importantes nos fluxos, nos alinhamentos e nas ações de gestão. Condicionantes particulares e situações localizadas fazem com que os desdobramentos e acontecimentos da rede rural sejam mais vigorosos em algumas porções do espaço em relação a outras.

Essas diferenças captadas na eficiência da gestão se inserem aos contextos não homogêneos e não lineares inerentes às redes e ao desenvolvimento rural. Por isso, procurou-se retratar várias faces da atuação dos atores sociais, dos espaços de interação e das práticas e trajetórias de gestão resultantes. Todavia, defende-se a necessidade de investimentos constantes em gestão do espaço protegido da pecuária familiar, a fim de mitigar problemas que surgem da própria dinâmica que não obedece a um padrão linear de evolução, como uma espécie de cumprimento de fases. Ao contrário, as respostas são múltiplas, estabelecendo também uma multiplicidade de possibilidades de ação e de novas articulações das redes.

Quanto às estratégias e expectativas em infraestrutura e qualidade de vida, não obstante as conquistas pontuais (*e.g.* novas modalidades de ensino, mais fichas de atendimento), dignas de regozijo, sob uma visão estratégica do gerenciamento da temática do desenvolvimento rural, parece necessário despender atenção crítica ao alinhamento de estratégias que deem resposta, conjuntamente, às expectativas urgentes dos moradores e, ao mesmo tempo, àquelas que se vinculam ao horizonte de longo prazo do desenvolvimento rural e ao reforço das multifunções dos espaços rurais. Nessa linha, a difícil temática do êxodo rural precisa ser enfrentada por um grande grupo de ações inteligentes em infraestrutura e qualidade de vida, sob pena de estimular o esvaziamento do campo a partir de iniciativas pretensamente bem intencionadas.

Referente às expectativas e estratégias em agregação de valor e governabilidade dos mercados é unânime entre os agentes de desenvolvimento que a associação está devagar, por motivos diversos, desde sua fundação, há mais de três anos. As preocupações mais sentidas se referem aos problemas de coordenação, a uma apatia e isolamento da mesa diretora anterior para fazer as coisas acontecerem. Vinculado a isso, os técnicos expressam com frequência a carência de maior articulação entre os diversos locais da região, quadro que é dificultado pela extensão territorial regional e o número expressivo de municípios. No entanto, existe uma diversidade de estratégias e expectativas em relação à criação de novos mercados e uma melhor gestão de mercados tradicionais no espaço protegido da pecuária familiar na região Centro-Sul. Nesse sentido, a comercialização de bovinos ‘gordos’ via intermediação, os comumente denominados ‘picaretas’, é o que há de mais inconveniente a ser superado na realidade local. A marca coletiva, e todas as operações coletivas e organizacionais relacionadas; bem como as feiras e os remates da pecuária familiar, são, em conjunto, conquistas decisivas a serem realizadas e ampliadas.

Atinente aos novos arranjos institucionais, o que aparece mais cintilante é o surgimento da Associação Regional de Ovinocultores. Relativamente recente também é o Território Centro-Sul. O Corede, os Conselhos Municipais e as Associações Comunitárias aparecem na realidade local desde a década de 1990. Tomados em conjunto, esses arranjos, antigos e novos, têm contribuído para o fortalecimento da participação no planejamento e operação de diversas iniciativas, facilitando o estabelecimento de redes, os fluxos de conhecimento e o acesso à informação.

A criação de um novo arranjo institucional, supramunicipal, que pudesse articular as ações de forma coletiva significaria, contudo, uma ampliação dos espaços de governança compartilhada, possivelmente reforçando o protagonismo dos atores locais nos municípios em que se observa potencial da pecuária e dos pecuaristas familiares para a promoção do desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

BORBA, M.F.S. et al. **Ecologização da pecuária na Serra do Sudeste**. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2009. (Documentos/Embrapa Pecuária Sul, 98). 69 p. Disponível em: <<http://www.cppsul.embrapa.br/unidade/publicacoes:list/231>> . Acesso em: 22 abril 2012.

CHARÃO-MARQUES, Flávia. Nicho e novidade: nuances de uma possível radicalização inovadora na agricultura. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (orgs.). **Os Atores de desenvolvimento rural: práticas produtivas e processos sociais emergentes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 145-158.

CHARÃO-MARQUES, F. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura**. A produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GEELS, F.W. Understanding system of innovation: a critical literature review and a conceptual synthesis. In: ELZEN, B.; GEELS, F.W.; GREEN, K. **System Innovation and the Transition to Sustainability: theory, evidence and policy**. Cheltenham: Northampton: Edward Elgar, 2004. p. 19-47.

KNICKEL, K. et al. New institutional arrangements in rural development In: PLOEG, J. D. van der; MARSDEN, T. **Unfolding Webs: The Dynamics of Regional Rural Development**. Amsterdam: Royal Van Gorcum, 2008. p. 111-128.

MARSDEN, T.; PLOEG, J. D. van der. Some final reflections on Rural Social and Spatial Theory. In: PLOEG, J. D. van der; MARSDEN, T. **Unfolding Webs: The Dynamics of Regional Rural Development**. Amsterdam: Royal Van Gorcum, 2008. p. 225-234.

MIGUEL, L.A.; et al. Caracterização socioeconômica e produtiva da bovinocultura de corte no estado do Rio Grande do Sul. **Estudos e Debates**. Lajeado, v. 14, n. 2. p. 95-125, 2007.

MOORS, E.; RIP, A.; WISKERKE, J.S.C. The dynamics of innovation: a multi-level co-evolutionary perspective. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J.D. van der. **Seeds of Transitions**. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 31-56.

NICOLA, M.P. **Espaço Protegido e Desenvolvimento Rural**: práticas e trajetórias na pecuária familiar da região Centro Sul do Rio Grande do Sul, 2015. 239 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

OOSTINDIE, H.; BROEKHUIZEN, R.V. The dynamics of novelty production. In: PLOEG, J. D. van der; MARSDEN, T. **Unfolding Webs: The Dynamics of Regional Rural Development**. Amsterdam: Royal Van Gorcum, 2008. p. 68-86.

PAZ, R. G.; DIOS, R. E. de. **Actores sociales y espacios protegidos**. Tucumán: Magna Publicaciones, 2011. 200 p.

PLOEG, J. D. van der. et al. Rural Development: from Practices and Policies towards Theory. **Sociologia Ruralis**. Wageningen, v. 40, n. 4, 2000. p. 391-408.

PLOEG, J. D. van der et al. On regimes, novelties and co-production. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J.D. van der. **Seeds of Transitions**. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 1 – 30.

PLOEG, J. D. van der; MARSDEN, T. **Unfolding Webs: The Dynamics of Regional Rural Development**. Amsterdam: Royal Van Gorcum, 2008. 262 p.

PLOEG, J. D. van der. Introducción. In: RAÚL, G.P.; RUBÉN, E. de D. **Actores sociales y espacios protegidos**. Tucumán: Magna Publicaciones, 2011. 200 p.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 48.316. Regulamentação do Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. **Programa Fortalecimento da Pecuária Familiar**. Porto Alegre: SDR, 2012a.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. **Termo de Cooperação Técnica 3729/2012**. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. Porto Alegre: SDR, 2012b.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. **Unidades de Experimentação Participativa-UEPAs**. Individuais e coletivas. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. Porto Alegre: SDR, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. **Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDEs**. Porto Alegre, 2015a. Disponível em: <<http://www.seplan.rs.gov.br>> . Acesso em: 28 maio 2015.

ROEP, D.; WISKERKE, J.S.C. Reflecting on Novelty Production and Niche Management. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J.D. van der. **Seeds of Transitions**. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 341-356.

STUIVER, M. et al. The Power of Experience: Farmers' Knowledge and Sustainable Innovations in Agriculture. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J.D. van der. **Seeds of Transitions**. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 93-118.

VENTURA, F.; MILONE, P. Novelty as Redefinition of Farm Boundaries. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J.D. van der. **Seeds of Transitions**. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 57- 89.

WISKERKE, J.S.C. On promising niches and constraining sociotechnical regimes: the case of Dutch wheat and bread. **Environment and Planning A**. London, v. 35. p. 429-448, 2003.